

Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte: reflexões sobre identidade religiosa e identidade étnica

Thiago Pinto Barbosa

Graduando do Curso de Ciências Sociais

Palavras chave: Identidade religiosa; Identidade Étnica; Imigrantes Alemães; Igreja Evangélica de Confissão Luterana;

Key words: Religious Identity; Ethnic Identity; German Immigrants; The Evangelical Church of Lutheran Confession;

RESUMO: Partindo de uma reconstrução histórica da imigração alemã em Belo Horizonte e da trajetória da comunidade evangélica luterana nesta cidade e com base em pesquisa qualitativa, o artigo trata da questão da identidade deste grupo, considerando etnicidade e religiosidade e a relação entre ambas no que se refere à formação identitária social. Observa-se como a identidade deste grupo foi sendo construída e maleada em resposta ao contexto, a princípio com ênfase na etnicidade, e mais recentemente, com uma preponderância da religiosidade enquanto principal elemento distintivo. Tal tendência constitui uma estratégia de sobrevivência da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, que tem cada vez mais se aberto a novos fiéis e se afastado de sua identificação com a Alemanha.

ABSTRACT: From a historical reconstruction of German immigration in Belo Horizonte and the trajectory of the Evangelical Lutheran community in this city and based on qualitative research, the article addresses the question of the identity of this group, considering ethnicity and religion and the relationship between them in relation to social identity formation. Note how the identity of this group was being built in response to context, beginning with an emphasis on ethnicity, and more recently, with a preponderance of religion as the main distinguishing feature. This tendency is a survival strategy of the Evangelical Lutheran Church, which has become increasingly open to new and faithful away from their identification with Germany.

Introdução

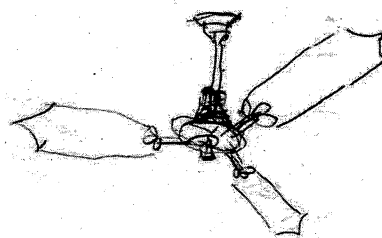
A despeito de possíveis tendências gerais de secularização, muitas são as formas de manifestações e identidades religiosas que podem ser encontradas em uma metrópole contemporânea. Em Belo Horizonte, tal fenômeno não é diferente. Considerável parcela das religiões presentes na capital mineira tem sua origem ligada a fluxos migratórios internacionais relativamente recentes. Dentre estes, tem-se o fluxo de germânicos que, vindo de outras cidades no Brasil e também diretamente da Europa, se fixou de forma significativa na cidade ao longo do último século. Tem-se aí, neste fluxo, o início da religião luterana em Belo Horizonte.

A denominada Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte – CECL-BH com seus mais de 600 membros é o tema deste artigo. A partir de revisão bibliográfica e trabalho de campo composto por observação participante em cultos, entrevista em profundidade com Pastor e conversas com diversos membros desta comunidade, me proponho aqui a esboçar algumas reflexões sobre a confessionalidade luterana e a identidade religiosa deste grupo, assim como sua identidade étnica – referente à sua origem germânica – e as relações entre tais identidades no contexto atual.

Alemães e luteranos em Belo Horizonte

A história da imigração de alemães para o Brasil remonta a meados do século XIX. Preocupado em trazer mão de obra, preferencialmente branca, a regiões ainda menos ocupadas do país, o governo brasileiro incentivou a vinda de milha-

res de colonos europeus a partir do século XIX até início do século XX. Por outro lado, pobreza, instabilidade política e diversos conflitos bélicos neste período estão entre os principais motivos para o abandono da morada na Europa. (Prien, 2001). Estima-se que, entre os séculos XIX e XX, chegaram ao Brasil pouco mais de 235.000 imigrantes alemães, sendo que a maioria destes se fixou nos estados da região Sul e Espírito Santo. (Seyferth, 1994).



Entre esses imigrantes alemães e também entre os imigrantes suíços e austríacos, havia católicos e, principalmente, protestantes, que se dividiam em luteranos e reformados. Apesar de suas diferenças internas, os protestantes se organizaram em igrejas sob a identidade luterana e contavam inicialmente com pastores improvisados. A partir de 1886, pastores dos Estados germânicos passaram a emigrar para o Brasil em atendimento às comunidades luteranas aqui estabelecidas. As organizações luteranas regionais que foram surgindo vieram a dar origem, já na virada das décadas 1940-1950, à denominada Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB¹. Estima-se que hoje a IECLB conte com um milhão de membros no Brasil. (Prien, 2001; Mendonça, 2004).

¹ Como explicam Mendonça (2004), Jungblut (1994), Prien (2001) e entrevistados, desenvolveu-se, no Brasil, outro ramo do luteranismo, representado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IECLB. Esta igreja se originou em um fluxo de pastores do Sínodo Luterano de Missouri (EUA) no começo do século XX – época em que a Alemanha passava por um período de turbulências socioeconômicas e, por isso, menos pastores foram enviados ao exterior –, que compuseram seu próprio sínodo no Brasil e que não participaram da formação da IECLB, dada com a junção dos outros quatro sínodos no Brasil. Diferentemente dos sínodos fundadores da IECLB, a IECLB, no contexto de sua formação, contou com pastores mais dispostos ao trabalho missionário e que propuseram uma maior integração à cultura brasileira.

Em Minas Gerais, o principal fluxo de alemães no século XIX se deu em Juiz de Fora, cidade localizada a 280km de distância ao sul da capital mineira. Os 1.200 imigrantes alemães que compuseram este primeiro grande fluxo migratório no Estado foram incorporados a dois empreendimentos patrocinados pelo governo do império: a construção da Rodovia União Indústria e a instalação do projeto agrícola Colônia Alemã Dom Pedro II. Ambas se enquadravam nas políticas nacionais de incentivo à imigração europeia. Como relata Arantes (2000), esses imigrantes enfrentaram inúmeras dificuldades, ligadas principalmente às precárias condições de moradia na colônia e às relações de caráter quase escravista que se estabeleceram com a direção da colônia. Para Arantes (2000), frente a essas dificuldades e aos problemas decorrentes da pouca amistosidade nas relações com a sociedade receptora local, restava aos imigrantes o fortalecimento dos laços internos de solidariedade e ajuda mútua. Como estratégia de sobrevivência do grupo, as relações amorosas e de matrimônio endogâmicas eram altamente incentivadas – em todos os casamentos realizados entre 1858 e 1885 apenas 6% uniam colonos e nacionais. (Arantes, 2000).

Entre os alemães de Juiz de Fora, metade era católica e metade era luterana, conforme relata Arantes (2000). No entanto, dado à situação sociopolítica do grupo, tais identidades religiosas não eram tão contrastadas, uma vez que, para este grupo étnico em situação de conflito com a sociedade majoritária, mais lhes importava – e unia – sua identidade étnica. Os católicos e protestantes da Colônia D. Pedro II se uniram para construção de uma capela local, que uma vez pronta, passou a ser dividida pelas duas religiões, em cultos em domingos alternados, até que outras igrejas fossem construídas. Arantes (2000) destaca ainda que, além dos cultos, festas e comemorações religiosas tinham lugar de destaque nesta comunidade alemã. Nestes eventos de motivação religiosa, percebia-se também uma exaltação de germanidade e de afirmação da identidade étnica do grupo.

Nesse sentido, esta breve incursão sobre a comunidade de alemães em Juiz de Fora é importante para que pensemos sobre as formas da articulação entre religiosidade e etnicidade que se deram de maneira semelhante em Belo Horizonte. Além do mais, é de Juiz de Fora que virão os primeiros alemães habitantes da nova capital Belo Horizonte e, conseqüentemente, os primeiros pastores luteranos itinerantes. Na capital mineira se convergem também outros alemães emigrantes de pequenas colônias no

centro do Estado que se dissolveram.

Não obstante, o fluxo migratório internacional Alemanha-Belo Horizonte ainda era presente na primeira metade do século XX, especialmente no pós-Primeira Guerra Mundial, período em que uma grave crise socioeconômica incentivou a emigração alemã. Além da crise, novas e duras políticas de controle de imigração tomadas neste mesmo período nos Estados Unidos² – o principal receptor de imigrantes europeus – contribuíram para que mais alemães escolhessem o Brasil como destino. Assim, em 1933, a maioria dos alemães residentes em Belo Horizonte havia chegado à cidade há menos de dez anos.

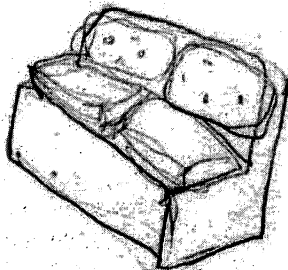
No começo deste mesmo ano, o Pastor Schwaner, de Juiz de Fora, viaja a Belo Horizonte com o objetivo de tratar com os alemães de lá acerca da fundação de uma comunidade luterana local, visitando as várias famílias alemãs em suas casas. Muito otimista em seu relato de viagem, ele afirma:

Mesmo junto aos católicos encontrei descendência maravilhosamente compreensiva. Eles fundamentavam seu interesse numa comunidade evangélica por considerá-la, em primeira linha, como portadora do espírito germânico, enquanto o catolicismo, por ser internacional, não valorizava a conservação da germanidade. Eles iriam apoiar, portanto, qualquer empreendimento que incentivasse a causa alemã. (apud Schaper, 2004).

Neste relato do Pastor Schwaner, percebe-se que, assim como observado em Juiz de Fora, dentre os alemães de Belo Horizonte as fronteiras identitárias religiosas não eram tão relevantes em tal contexto frente a um projeto de criação de uma comunidade. Aqui, como se deixa transparecer no interesse dos católicos quanto à formação da comunidade evangélica, a afirmação da identidade étnica germânica, em detrimento de outras identidades, coloca-se como prioritária.

Assim, conforme relata Schaper (2004), ainda em 1933, após a celebração de um culto e uma reunião com 40 pessoas em uma tradicional cervejaria alemã da capital mineira, decidiu-se fundar uma igreja luterana em Belo Horizonte. Até a construção de um templo próprio os cultos semanais eram realizados na Igreja Metodista. Antes mesmo que se pensasse a questão de um espaço próprio para seus cultos, a comunidade luterana se preocupou principalmente com a constituição de uma escola para seus filhos. Com auxílio da Embaixada da Alemanha, fundou-se a Associação Escolar Alemã, cujas aulas de sua escola primária bilingue começaram em 1934, sediadas a princípio em um salão da Igreja Metodista e depois, a partir de 1935, em uma grande casa alugada no bairro São Pedro, para onde também se transferiram os cultos e os eventos culturais e festivos. Em 1939, a Associação Escolar construiu e inaugurou sua sede própria em um grande terreno no centro da cidade. (Schaper, 2004).

No entanto, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teve graves repercussões para os



² Tanto o Emergency Quota Act, assinado em 1921, quanto o Immigration Act de 1924 impuseram limitações ao número de imigrantes que podiam ser admitidos nos Estados Unidos. Este último, que substituiu o primeiro e foi ainda mais restritivo, estabeleceu que o número de imigrantes admitidos anualmente no país deveria ser inferior a 2% do número total de pessoas com aquela origem nacional que já residisse no país em 1890. Assim, a quota permitida para alemães era de apenas 51.227 anuais – número muito inferior aos mais de 805 mil alemães que emigraram aos EUA em 1920. (Zolberg, 2006).

alemães no Brasil. Ainda em 1939, o governo getulista proibiu publicações e celebrações em língua alemã. Logo após o início da Guerra, os pastores e outros membros das comunidades alemãs de Juiz de Fora e Belo Horizonte, apesar de negarem envolvimento com o governo nazista, foram presos. Em Belo Horizonte, foram confiscadas as economias da comunidade e a sede da Associação Escolar foi tomada. Os pastores ficaram retidos até o fim da Guerra, em 1945, e as economias confiscadas pelo governo foram devolvidas à comunidade dez anos depois. Entretanto o terreno e a sede da Associação Escolar nunca foram devolvidos. Acuada e abalada por tais repressões, a comunidade se dissolveu. (Schaper, 2004).

Já em 1946, foi feita uma assembleia geral para tentar reunir os membros da comunidade. Com a presença de apenas 13 pessoas, decidiu-se abrir novamente a comunidade, agora com um novo nome, sem menção à origem nacional de seus membros: Comunidade Evangélica de Belo Horizonte. Os cultos seriam realizados provisoriamente em templo da Igreja Presbiteriana. Não se pensou, no entanto, em reabrir uma associação escolar. De qualquer forma, ao longo do mesmo ano, já quase cem pessoas requisitaram sua admissão como membros da comunidade. (Schaper, 2004).

No fim da década de 1940, em uma convergência nacional dos sínodos luteranos regionais, formou-se a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. Em seguimento às tendências de fortalecimento nacional e abramileiramento fundadoras da IECLB, a igreja de Belo Horizonte, agora IECLBH, passou, a partir de 1949, a oferecer também cultos na língua portuguesa, uma vez por mês. Ao longo de 1950, tais cultos foram pouco freqüentados, o que fez com que membros da comunidade argumentassem que estes cultos deveriam ser abolidos, já que todos “entendiam perfeitamente o alemão” (Schaper, 2004, p. 62). Após um caloroso debate em uma assembleia da igreja, decidiu-se em acirrada votação que os cultos em português deveriam ser mantidos.

A freqüência de cultos em português, a princípio baixa, foi aumentando gradualmente ao longo das próximas décadas. É preciso destacar que isso se deu apesar do grande aumento do número de membros alemães da igreja com a chegada de várias famílias alemãs vindas a Belo Horizonte devido ao estabelecimento local de empresas germânicas (Mannesman, Thyssen-Krupp, etc) nos anos 1950. No final da década, mais de 120 famílias alemãs compunham a comunidade, que finalmente pôde arcar com a compra de um terreno próprio, no bairro da Serra, onde foi construído seu templo nos anos seguintes.

Ao longo dos anos de 1960 e 1970, o número de membros da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte (CECLBH) aumentou, parte em decorrência da vinda de famílias luteranas de cidades do interior do Estado, como Teófilo Otoni, à capital. Como se percebe em relato do Pastor Wirth (1997, *apud* Schaper, 2004), então jovem pastor da IECLBH, nos anos 1970, muitos jovens já não

dominavam mais a língua alemã e por isso não tinham tanto interesse na vida da comunidade religiosa. De acordo com o mesmo relato, vários membros nascidos na Alemanha tampouco eram muito ativos na religião, só freqüentando a igreja em datas especiais. O Pastor Wirth iniciou então vários trabalhos junto aos jovens (grupo de jovens, excursões, culto infantil etc.), o que aumentou em muito a freqüência destes novos cultos, em especial nos cultos em português³.

Assimilação cultural e o declínio da etnicidade: chance de revigoração da religiosidade?

A inserção gradual dos cultos em língua portuguesa e a preocupação maior com o envolvimento dos jovens, além da renúncia à vontade de que estes jovens tenham uma educação em língua alemã em seu enclave étnico, são sintomas das transformações passadas pela comunidade luterana brasileira, não por acaso no período pós-guerra. Por um lado, poderíamos pensar que as experiências traumáticas de perseguição passadas pelos imigrantes alemães durante os anos da guerra e possivelmente os estigmas surgidos na sociedade anfitriã fizeram com que estes atores deixassem de enfatizar sua identidade étnica alemã, uma vez que esta – nos termos de Eriksen (2002) – já não faria nenhuma diferença social positiva neste contexto político; ou, nos termos de Grün (1995), já não valia tanto mais a pena ser alemão no Brasil. Como uma negação ao estigma (nazista)-alemão, estes alemães se preocuparam então mais incisivamente em se integrar à sociedade e cultura brasileiras, afirmando-se preferencialmente como brasileiros, por fim.

Por outro lado, poderíamos pensar que os luteranos brasileiros tiveram de efetuar mudanças na sua concepção de comunidade religiosa em parte devido a uma simples preocupação com a continuidade de sua religião e com a inserção de novos membros. Em decorrência a tal reformulação identitária e aos processos a ela atribuídos, tais como uma maior integração à sociedade majoritária, pode-se dizer que tem ocorrido uma perda dos elementos culturais distintivos dos alemães. Seus descendentes, hoje na segunda, terceira ou até mesmo quarta gerações, em geral não têm domínio da língua de seus antepassados. Os mais velhos, nascidos na Alemanha ou criados num contexto familiar-domiciliar ainda marcadamente alemão e endogâmico, são cada vez menos expressivos numericamente, sendo que muitos deles, como se percebe no relato do Pastor Wirth descrito acima, não são tão religiosamente engajados, freqüentando a igreja somente em ocasiões especiais⁴. Dessa forma, não é surpreendente que a igreja, visando sua própria sobrevivência, tenha que abandonar sua associação à comunidade étnica e se abrir para pessoas e elementos culturais – em especial a língua – da sociedade anfitriã, conseguindo, assim, novos fiéis⁵.

Em elucidação a isso é interessante pensar no exemplo do budismo no Brasil, que enfren-

³ Paralelamente à inserção de jovens em maior número (e, em parte, associada a isso), a década de 1970 marca uma grande influência da Teologia da Libertação na IECLBH, dando-se início a vários projetos sociais, alguns deles até hoje em curso (lar para idosos Luise Griese e projeto de aulas de música no Aglomerado da Serra, entre outros), o que intensifica o contato da IECLBH com a sociedade brasileira.

⁴ Pode-se imaginar que talvez, para estes alemães, a comunidade evangélica de confissão luterana é, mais que um espaço religioso, um espaço de convívio da comunidade teuto-descendente.

⁵ Além desses fatores, não se devem esquecer os impedimentos jurídico-burocráticos herdados do período de perseguição durante a guerra que por alguns anos permaneceram dificultando a reinstitucionalização de grupos e associações explicitamente alemães. Para exemplo disso em Belo Horizonte, ver: Schaper, 2004, p. 60.

ta problemas semelhantes a outras religiões de imigrantes. Trazido ao país pelos imigrantes japoneses, este budismo "amarelo" encontra-se em grave declínio, que pode ser atribuído a diversos motivos, como explica Usarski (2008). Uma vez migrados para áreas urbanas, as gerações posteriores aos emigrados do Japão tiveram maior possibilidade de contato e até mesmo matrimônio com não-japoneses, integrando-se mais ativamente na sociedade anfitriã. Tal processo resultou na desvalorização e perda da herança linguística-cultural pelas gerações mais novas. Aliado a isso, o budismo japonês continua sem espaço institucional a brasileiros, além de oferecer cultos somente na língua original, o que desincentiva a conversão de novos membros que não dominem o japonês. (Usarski, 2008).

Se os problemas são os mesmos, a postura dos luteranos no Brasil frente a estes dilemas parece ser, no entanto, bem diferente dos budistas japoneses. Como já expliquei, desde o fim dos anos 1940, há cultos em português na IECLBH. Hoje em dia eles são claramente predominantes: os cultos em alemão só acontecem no primeiro domingo do mês, à noite; ao passo que os cultos em português se dão todos os domingos de manhã na sede da Igreja, além de outras vezes em outras cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte e na Pampulha.

Também na entrevista realizada com o Pastor da IECLBH, chama a atenção a repetitiva ênfase que ele, descendente de alemães nascido no Rio Grande do Sul, dava à não-associação entre a Igreja Luterana e a comunidade étnica alemã. Isso pode ser notado claramente em um trecho da entrevista que transcrevo abaixo. Ainda no início da entrevista, eu perguntava sobre as relações institucionais entre a igreja luterana brasileira e a alemã e sobre as diferenças entre as duas, ao qual o Pastor me respondeu de forma a enfatizar a brasilidade da IECLB:

T. P. Barbosa: *Agora sobre a religião luterana... existe diferença entre a Igreja Luterana no Brasil e a na Alemanha, ou... como é essa relação?*

Pastor: *É, eu queria que você entendesse bem⁶. Nós hoje não somos mais identificados como uma igreja de alemães, né, isso foi até na década de... 60 por aí... nós tínhamos ainda muito pastores alemães atendendo as comunidades do Brasil. Só pra dar uma ideia pra você: em 1979 eu fui o primeiro pastor brasileiro numa das comunidades lá no Espírito Santo, em 79! O primeiro pastor brasileiro a começar a trabalhar... Então, hoje em dia, na igreja toda nós somos quase 1200 obreiros e ministros, entre pastores e diáconos... são no total de 1200 na igreja no país todo, nós temos acho que 5 ou 6 pastores alemães ainda atuando, só. Então, pra você ter uma ideia...*

T. P. Barbosa: *Em todo o Brasil?*

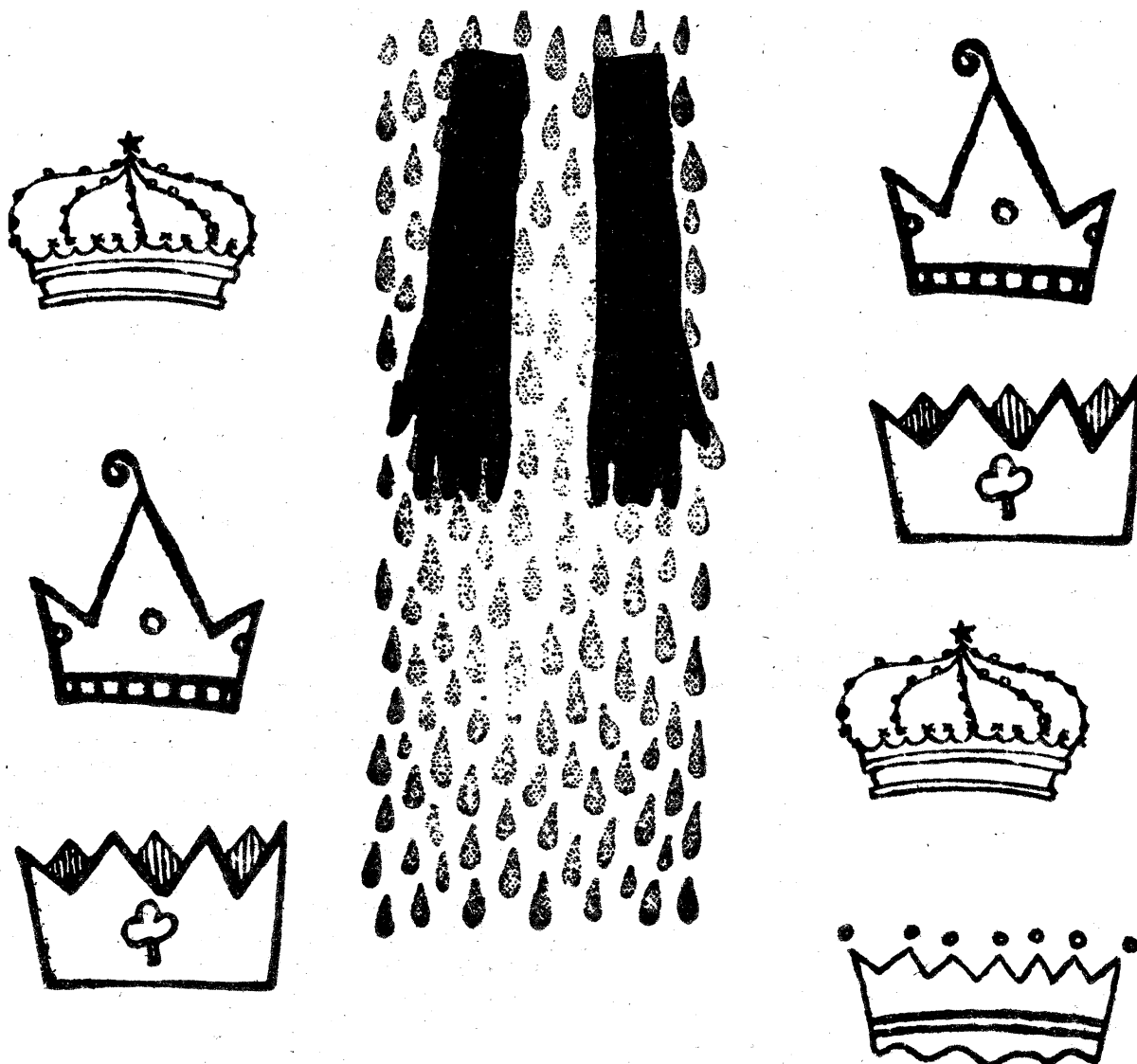
Pastor: *Em todo o Brasil! Só pra você ter uma ideia, né. Aqui nessa igreja o culto*

até final da década de 80, início de 90, o culto em português é que era exceção aqui. Hoje nós temos um culto alemão no primeiro domingo do mês, à noite; à noite ainda, não é nem de dia. Eu faço um trabalho aí com os idosos em alemão também ainda, só. O resto é tudo em português, a língua pátria. Então, os alemães que ainda tem aqui são minoria, são idosos. Tem muito a ver também com as indústrias alemãs na grande BH aqui, muitas foram vendidas, outras foram embora; então não teve mais esse fluxo de alemães funcionários de empresas, muito pouco. Então, quem ficou, ficou. Aí começaram a envelhecer, e as novas gerações tão aí. Mesmo que sejam descendentes de alemães, como eu mesmo também sou, mas... nossa língua é a língua portuguesa, e nós vivemos uma igreja brasileira. Então nós temos convênios com a igreja chamada Igreja-Mãe, da Alemanha [explica a questão dos convênios com uma comunidade luterana da Alemanha]. A gente faz uma troca de experiência em cima de matérias, liturgias, pregações, então a gente mantém esse contato. Poderia ser maior, mas é meio complicado, e vai ficar cada vez mais complicado. Porque o distanciamento vai crescendo, né, e à medida que nós tomamos uma consciência cada vez mais brasileira, as igrejas lá nos tem uma função de apenas parceiras realmente, não mais aquela... aquela ligação; vamos dizer assim, o cordão umbilical já foi cortado há muito tempo. [...] o nosso olhar não é voltado para a Alemanha, como foi nas gerações passadas, né. O nosso olhar é voltado para o país. Os alemães quando vieram ao Brasil, eles vieram dando adeus lá pro pessoal, mas sempre achando que um dia nós vamos voltar para a Alemanha, né, mas isso não aconteceu. Aqui, internamente, os luteranos também, né, alemães, esses mesmos alemães, migraram muito dentro do país também [...]. Mas sempre com aquela ideia, eu vou, mas vou deixar uma raiz atrás, vou olhar pra atrás, que um dia eu volto pra minha terra. E não acontece. Então isso afetou sempre muito a igreja, né, porque, como somos uma igreja de imigração, nós surgimos pela imigração, e espalhamos no país também pela migração interna, em boa parte, esse olhar pra trás durante muito tempo atrapalhou, porque não permite que a igreja cresça no lugar; o pessoal não faz missão, né? Então, isso, eu acho que isso está se superando, né, não é mais o grande problema nosso⁷. Hoje nós temos grandes desafios como aqui em Belo Horizonte; missão-cidade, né? Como é que é você ir pra igreja numa cidade desse tamanho, no pós-modernismo?

Poder-se-ia pensar que esta ênfase exagerada na brasilidade da IECLB se deve, em parte, ao contexto étnico da relação entrevistador-entrevistado: deve-se ter em mente que o Pastor

⁶ Trechos em negrito: ênfase em tom dada pelo entrevistado; trechos sublinhados: trechos destacados por mim.

⁷ Tal dificuldade de fixação institucional de raízes religiosas pelo grupo imigrante devido aos planos de retorno é citado por Usarski (2008, p. 138) como um dos problemas também do budismo japonês no Brasil.



descendente de alemães tinha como interlocutor um jovem brasileiro não-luterano (eu, o autor deste artigo), que disse, ao marcar a entrevista, querer estudar "os alemães em Belo Horizonte e sua religião" – o Pastor provavelmente esperava de mim uma visão de igreja luterana como essencialmente "igreja de alemães", o que ele tentou negar. Em outro momento da entrevista, em que eu já ciente disso, perguntei mais uma vez sobre as semelhanças entre as igrejas lá e aqui, tal ênfase anterior de demarcação de diferenças foi relativizada pelo Pastor:

"Nós temos algo em comum na questão da confessionalidade, isso aí sim é muito próximo tudo. Nós fazemos juntos ainda parte de uma federação luterana mundial... Então nós temos muitas coisas em comum, compartilhamos de igreja pra igreja muitas coisas teológicas. Então, se eu for à Alemanha num culto eu vou me sentir em casa, igual eu me sinto em casa num culto no Brasil. Quando eles vêm a um culto aqui, nós temos sempre muita visita de lá, eles chegam sentam aqui e participam do culto como se estivessem em casa, eles se sentem em casa porque percebem que têm alguma coisa em comum."

Com minha participação em seus cultos, em português e outro em alemão, pude observar que tal redirecionamento da Igreja Luterana, em que se coloca uma maior preocupação com o recrutamento de novos fiéis e se afasta das associações com a identidade germânica. É notável na realidade atual da IECLBH. O culto em português contou com a participação de quase uma centena de pessoas, a maioria vinda em família. As crianças foram chamadas para um culto infantil, realizado à parte. Excepcionalmente, o sermão não foi feito pelo pastor habitual, mas sim por uma jovem pastora estagiária vinda de Santa Catarina – que, aliás, não fala alemão. Houve um batismo e também a "profissão de fé" de uma jovem de Teófilo Otoni que estava distanciada da Igreja e queria retornar a participar com mais intensidade. Junto a esta jovem, uma senhora que havia se convertido recentemente foi também chamada ao altar. Vale a pena destacar a ênfase dada neste momento de "acolhida" à nova integrante, após o qual ela e em seguida sua irmã (que freqüenta uma igreja presbiteriana no RJ) fizeram um breve discurso de agradecimento à "comunidade", emocionadas. Como explicou o Pastor durante a entrevista, nos últimos anos tem ocorrido um significativo número de conversão de pessoas de outras religiões, principalmente neo-pentecostais; muitos deles têm o primeiro contato

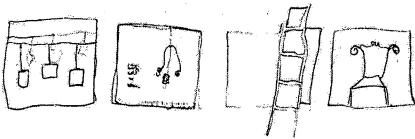
8 Como destaca Bunt (2009), a internet é hoje uma importante forma usada por várias religiões para "provar sua existência" (p.714). É também, claro, uma forma de conquistar novos fiéis.

com a fé luterana através do site da IECLBH na internet⁸. Portanto, de forma geral, muito pouco no culto nos faz remeter obrigatoriamente à Alemanha ou a algum atributo germânico.

Já o culto em alemão, realizado no mesmo domingo à noite, teve um público de apenas dez pessoas, dentre estas cinco senhoras em idade mais avançada⁹. Ao chegar, impressionei-me com a acolhida incrivelmente alegre que logo recebi da mais velha das senhoras¹⁰. Assim como o sermão (desta vez proferido em alemão pelo Pastor), todos os cânticos, tão importantes para o culto protestante¹¹, foram os mesmos do culto em português, mas entoados na versão original em alemão, naturalmente, e acompanhados pela pianista voluntária, que aliás é funcionária aposentada do Consulado Alemão de Belo Horizonte.

No mais, é também de se chamar a atenção o momento de confraternização que se dá após os cultos, em ambas as línguas. No salão da igreja, é servido um farto lanche em uma grande mesa, ao redor da qual os membros da comunidade conversam animadamente.

branca, pesada de arrancar gemidos,
implícita.



Considerações finais

Muitas foram as transformações sofridas pela igreja luterana no Brasil, desde o tempo de sua fundação, até os dias de hoje. Como afirma Jungblut (1994, p. 143), o abandono do "culto à germanidade" trouxe maior independência em relação à Igreja-Mãe na Alemanha – sinal disso é seu novo nome oficial a partir dos anos 1940: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Houve também um reposicionamento fortemente ecumênico com outras igrejas cristãs brasileiras, e de maior diálogo com a sociedade brasileira de forma geral.

Como tentei mostrar, este processo despoitou no contexto político brasileiro do Estado Novo, que, através de suas políticas assimilacionistas, passou a reprimir as manifestações culturais dos imigrantes, e durante a Segunda Guerra, perseguiu em especial as comunidades alemãs, impactando fortemente a pequena comunidade luterana de Belo Horizonte. Mas para entender tal processo é preciso também considerar as dinâmicas sociais urbanas contemporâneas (possivelmente resumidas nas palavras do Pastor entrevistado pelo termo "pós-modernidade"), que conformam um contexto em que coexistem inúmeras possibilidades identitárias passíveis de uso pelo (tão valorizado) indivíduo. Percebe-se, desde meados do século passado e ainda hoje, a intensificação intergeracionalmente gradativa da forma com que este grupo de imigrantes e seus descendentes se integram à

sociedade anfitriã, em detrimento de sua herança cultural.

Não obstante, esta perda de importância ou de valorização da identidade étnica alemã tem sido apropriada pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil como uma forma de reforçar sua identidade religiosa. Ao contrário dos budistas nipo-brasileiros fadados ao declínio, essa igreja se abre e busca, como nunca antes, novos fiéis de origens diversas, tarefa na qual tem sido relativamente bem sucedida. Ainda que até hoje seja palco de eventos ligados à etnia germânica¹², a Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte deixa aos poucos de transmitir uma ideia de germanidade e de comunidade étnica alemã.

Curiosamente, hoje, parte significativa dos fiéis da IECLBH é migrante de primeira geração de Teófilo Otoni¹³, cidade que, como Juiz de Fora, foi um pólo de imigração alemã em Minas Gerais¹⁴. Assim como foi – e, em parte, ainda é – importante constituinte de laços comunitários entre alemães. Hoje a IECLBH representa o mesmo para muitos teófilo-otonenses. A IECLBH, desde sua fundação junto aos imigrantes alemães, conseguiu desempenhar muito bem esse papel de formação de laços comunitários, que é, segundo Durkheim (1978), tão central às religiões¹⁵. Pode-se pensar que seu espaço acolhedor com seus cultos pequenos e que sempre terminam com um cafezinho continuará a ser locus de uma comunidade, cuja identidade se organiza cada vez mais em torno da religião e cada vez menos atrelada às origens culturais-geográficas de seus portadores.

Submetido em Abril de 2011

Aprovado em Julho de 2011

⁹ Como era de se esperar em uma cerimônia sempre frequentada pelas mesmas poucas pessoas, minha presença despertou curiosidade entre os fiéis. Ao final do culto, como de costume entre visitantes, me apresentei e expliquei a pesquisa, o que incitou ainda mais a curiosidade dos fiéis, dando oportunidade a longas conversas após o culto.

¹⁰ Depois descobri que esta senhora, de 90 anos, vive já há várias décadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte e fala somente alemão.

¹¹ Ver Mendonça, 2004, p. 71.

¹² Destaque para o anual "Café dos Consulados", para o qual foram convidados este ano 290 alemães, austríacos e suíços residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

¹³ Nas palavras do pastor entrevistado: "Aí nós temos uma migração muito forte, vinda do interior do estado, mas também de luteranos que vieram de lá pra cá, principalmente de Teófilo Otoni. Aqui, grande parte dos membros dessa comunidade, uma boa parte, um número significativo é o pessoal de Teófilo Otoni, mas que eram luteranos lá também."

¹⁴ A vinda de germânicos à mesorregião mineira do Vale do Mucuri se deu a partir de 1856, financiada por uma companhia dirigida por Theófilo B. Ottoni. A colônia alemã que lá se formou ganhou destaque pelos relatos da situação de isolamento, miséria e semi-escravidão em que viviam os imigrantes, chegando até fazer com que o governo da Prússia tomasse medidas em restrição ao fomento a empreendimentos migratórios para o Brasil em 1859. (Prien, 2001, p.38-41).

¹⁵ Nesse sentido, é interessante notar que a IECLBH administra um registro de todas as famílias e membros da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, L.A.V. (2000) "Caminhos incertos, conflitos religiosos e empreendimentos: a trajetória dos alemães na cidade". In: BORGES, C.M. *Solidariedades e conflitos: Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- BOURDIEU, Pierre. (1997) "Compreender". In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BUNT, Gary R. (2009) "Religion and the internet". In: CLARKE, Peter (Ed.). *The Oxford handbook of the sociology of religion*. Oxford: Oxford University Press.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (2007) *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- DURKHEIM, E. (1978) *Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. (2002) *Ethnicity and Nationalism*. Londres: Pluto Press.
- GRÜN, Roberto. (1995) "La imagen y la vida de los judíos en Brasil: cuestiones e inferências". *Estudios migratórios latinoamericanos*, ano 10, n. 29.
- HISTORY MATTERS. THE U.S. SURVEY COURSE ON THE WEB. Who Was Shut Out?: Immigration Quotas, 1925-1927. Disponível em: <http://historymatters.gmu.edu/d/5078>. Acesso em: 01 abr. 2011.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. (1994) "O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica." In: MAUCH, C. E VASCONCELLOS, N. (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. Ulbra.
- MENDONÇA, A.G. (2004) "Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica". In: MARTINO, L.M.S. & SOUZA, B.M. *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus.
- OLVEIRA, Roberto Cardoso. (2006) *Caminhos da Identidade: Ensaios Sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp.
- PRIEN, Hans-Jürgen. (2001) *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal.
- SHAPER, V. (Org.). (2004) *Até aqui nos trouxe Deus: 70 anos da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: CECLBH.
- SEYFERTH, G. (1994) "A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica". In: MAUCH, C. E VASCONCELLOS, N. (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. Ulbra.
- USARSKI, F. (2008) "Declínio do budismo "amarelo" no Brasil". *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 20, p. 133-153.
- VILELA, Elaine Meire. (2002). *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico: manipulações de identidades*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ZOLBERG, Aristide R. (2006). *A Nation by Design: Immigration Policy in the Fashioning of America*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Site da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: <http://www.luteranos.com.br/101/quem.html>. Acesso em: 01 dez. 2010.
- Site "ILCB História": <http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php>. Acesso em: 15 out. 2011.